

## **Os conceitos de saúde única e os afro-diaspóricos para as práticas de desenvolvimento sustentável**

*What the concepts of the One Health and the Afro-diaspora can teach us about sustainable development?*

*Lo que los conceptos de One Health y afrodiaspórico pueden enseñarnos sobre el desarrollo sostenible*

**Julianne Caju de Oliveira Souza Moraes**

Doutoranda, UFMT, Brasil  
juliannecaju@gmail.com

**Ivoneides Maria Batista do Amaral**

Doutoranda, UFMT, Brasil.  
ivoneidesbamaral@gmail.com

**Benedito Dielcio Moreira**

Professor Doutor, UFMT, Brasil.  
Dielcio.moreira@gmail.com

## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo, a partir da revisão bibliográfica, apresentar os conceitos sobre Saúde Única e Afro-diaspóricas para a sustentabilidade tão necessária. Não se tem a pretensão de abarcar todo o campo do conhecimento das culturas afro-diaspóricas nem dos que tange a saúde única, mas sim expor como códigos, símbolos e práticas advindas dos povos africanos através da migração forçada pode contribuir para os processos de pensar, elaborar e ativar o desenvolvimento sustentável. Considera-se importante nos movimentarmos sobre aspectos ao qual fomos acostumados a pensar de modo disciplinar, tendo apenas um ponto a ser observado, sem olharmos para o ambiente que nos cerca. Defende-se a necessidade da construção de uma outra “casa”, como adverte Teixeira Coelho (1994). Essa construção não deve começar pelo telhado, mas sim, pelo alicerce, uma construção pedagógica que respeite a diversidade e crie as condições para compreendermos o ambiente como espaço de mediações de todas as relações. Pois, os sistemas vivos são fenômenos que se entrecruzam, sendo possível contemplar os complexos temas relacionados à saúde única e sustentabilidade. É possível como mostrado pela saúde única, pelo significado afro-diaspórico e com uso de uma agroecologia ressignificar todos os tempos em que vidas estiverem no mundo. As mazelas sociais existem, mas podem ser combatidas com olhares múltiplos, transdisciplinares e com reconhecimento que a saúde dos humanos, dos animais domésticos e selvagens, das plantas e do meio ambiente estão interligados e precisam serem considerados nos momentos de pensar políticas públicas e no desenvolvimento sustentável.

**PALAVRAS-CHAVE:** Meio ambiente. Sistêmico. Sustentabilidade.

## SUMMARY

*This work aims, based on the literature review, to present the concepts of One Health and Afro-diasporics for much-needed sustainability. It is not intended to cover the entire field of knowledge of Afro-diasporic cultures or those related to single health, but rather to expose how codes, symbols and practices arising from African peoples through forced migration can contribute to the processes of thinking, elaborate and activate sustainable development. It is considered important to move on aspects that we have been accustomed to thinking about in a disciplinary way, with only one point to be observed, without looking at the environment that surrounds us. The need to build another “house” is defended, as warned by Teixeira Coelho (1994). This construction should not start with the roof, but with the foundation, a pedagogical construction that respects diversity and creates the conditions for us to understand the environment as a space for mediating all relationships. Living systems are phenomena that intertwine, making it possible to contemplate complex themes related to unique health and sustainability. It is possible, as shown by unique health, by the Afro-diasporic meaning and with the use of agroecology, to give new meaning to all times in which lives are in the world. Social ills exist, but they can be combated with multiple, transdisciplinary perspectives and with recognition that the health of humans, domestic and wild animals, plants and the environment are interconnected and need to be considered when thinking about public policies and development. sustainable.*

**KEYWORDS:** Environment. Systemic. Sustainability.

## RESUMEN

*Este trabajo tiene como objetivo, basándose en la revisión de la literatura, presentar los conceptos de Una Salud y Afrodiaspóricas para una sostenibilidad tan necesaria. No se pretende abarcar todo el campo del conocimiento de las culturas afrodiaspóricas o aquellas relacionadas únicamente con la salud, sino más bien exponer cómo códigos, símbolos y prácticas surgidos de los pueblos africanos a través de la migración forzada pueden contribuir a los procesos de pensamiento, elaboración y activar el desarrollo sostenible. Se considera importante avanzar sobre aspectos que estamos acostumbrados a pensar de manera disciplinaria, con un solo punto a observar, sin mirar el entorno que nos rodea. Se defiende la necesidad de construir otra “casa”, como advierte Teixeira Coelho (1994). Esta construcción no debe comenzar por el techo, sino por los cimientos, una construcción pedagógica que respete la diversidad y cree las condiciones para que entendamos el entorno como un espacio para mediar todas las relaciones. Los sistemas vivos son fenómenos que se entrelazan, permitiendo contemplar temas complejos relacionados con la salud y la sostenibilidad únicas. Es posible, como lo demuestra la salud única, el significado afrodiaspórico y con el uso de la agroecología, dar un nuevo significado a todos los tiempos en que se viven las vidas en el mundo. Los males sociales existen, pero pueden combatirse con perspectivas múltiples y transdisciplinarias y reconociendo que la salud de los seres humanos, los animales domésticos y salvajes, las plantas y el medio ambiente están interconectados y deben considerarse al pensar en políticas públicas y desarrollo sostenible.*

**PALABRAS CLAVE** Medio ambiente. Sistémico. Sostenibilidad.

## 1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo relacionar a saúde única e a sustentabilidade, discutir a relevância do tema, evidenciando o domínio das relações e interações dos organismos. Na atual conjuntura da sociedade em que vivemos, faz-se necessário refletir sobre o ambiente em suas diferentes dimensões. Tem-se o intuito, a partir da revisão bibliográfica dos estudos sobre saúde única e dos conceitos afro-diaspórico, provocar discussões que ocasionem mudanças de paradigmas, nos hábitos e comportamentos, nas relações com os seres vivos, propiciando a conscientização para as práticas cotidianas voltadas para o cuidado de si e do outro. Maturana (2002) reforça que valores não se ensinam, pois é preciso vivenciá-los, portanto, a conscientização e construção de políticas públicas para a utilização do ambiente como espaço onde se propaga todas as formas de vida, é o percurso para romper com a disciplinarização e hierarquização dos territórios.

De acordo com Brewer e Carneiro (2021) Saúde Única oferece uma abordagem de sistemas para problemas complexos que envolvem as interações para o funcionamento da vida, onde organismos, sistema social e ecossistema estão interligadas entre as esferas, humano, animal, planta e saúde ambiental entre outros modos de vida.

Nessa perspectiva de pensar o ambiente como uma rede densa de conexões, o Ministério da saúde (2022) reforça a urgência em reconhecer que a saúde de humanos, animais domésticos e selvagens, plantas e o meio ambiente (incluindo ecossistemas) estão intimamente ligados e são interdependentes. O conceito de saúde única não é contemporâneo. Ele advém do termo Medicina Única (One Medicine) surgido no século XIX. O aumento de doenças infecciosas reacendeu a readequação da terminologia. 70% dessas enfermidades são provenientes de animais selvagens e elas têm sido relacionadas por causa do crescente uso do meio ambiente e suas consequências, como por exemplo, alterações do clima, aumento de espécies invasoras, poluição, mortes e extinção de espécies, surgimento de novas doenças, dentre outros fatores.

A resolução desses e de outros problemas oriundos da exploração e do desenvolvimento econômico passa por alternativas e ferramentas sistêmicas e multidisciplinares da saúde com qualidade para as pessoas, os animais e o meio ambiente. Pensar em saúde única é refletir sobre os modos de produção dos alimentos, dos objetos, dos instrumentos considerados contemporâneos de forma sustentável e a partir de sistemas que estejam conectados com as necessidades de todos os tipos de vida existentes.

Além disso, este texto pretende apresentar os conceitos afro-diaspóricos para a sustentabilidade que queremos e precisamos. Não se tem a pretensão de abarcar todo o campo do conhecimento das culturas afro-diaspóricas, mas sim expor como códigos, símbolos e práticas advindas dos povos africanos através da migração forçada pode contribuir para os processos de pensar, elaborar e ativar o desenvolvimento sustentável. A formação do Brasil tem grande influência africana. Mas, o estudo da história africana nas escolas só começa a acontecer em 1996 com a implementação da Lei número 9.394, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB).

Depois da criação dessa lei, não necessariamente da aplicação dela em todas as escolas brasileiras, em 2003 foi instituída outra lei, a de número 10.369, que determina a obrigatoriedade do ensino de História e da Cultura Afro-Brasileira nas escolas do Ensino Fundamental e Médio. Uma pesquisa do Instituto Alana e do Portal Geledés realizada em 2022, com 1.1187 gestores de secretarias municipais de educação, revelou que sete em cada dez

secretarias não fizeram nenhuma atividade ou realizaram pouca ação para a efetivação do ensino da história e da cultura afro-brasileira nas escolas gestadas por tais secretarias. As que foram entrevistadas correspondem a 21% do total das secretarias municipais e das que fazem pouca ou nenhuma atividade, equivale a 71%.

Uma das causas apontadas na pesquisa para esse resultado é a não formação do corpo docente para trabalhar tais temáticas. Apesar disso, sugere-se que a existência da Lei corrobora com a importância do conhecimento histórico sobre a África e outras leituras do legado dos povos negros. A aplicabilidade da lei 10.639/03 contribui também para a divulgação das práticas culturais africanas, dos saberes afro-diaspóricos para a saúde humana, dos animais e da natureza na perspectiva do desenvolvimento sustentável.

Um dos legados afro-diaspóricos é a forma de produzir alimentos. A revisão bibliográfica que será exposta neste trabalho mostrará que a prática cultural conectada com os saberes da ancestralidade de matrizes africanas, a agroecologia, é uma das tecnologias que continuam sendo indispensáveis para a sustentabilidade que se almeja alcançar na sociedade contemporânea. Outro é a maneira que lidamos com todas as vidas do meio ambiente considerando que as vidas estão conectadas, agem de forma sistêmica, ou seja, tudo está interligado.

As perspectivas de vida e de tempo dos povos africanos são as que valorizam o passado. Os saberes africanos e afro-diaspóricos são baseados com a ancestralidade e com a memória, os quais também têm importância nas tradições afro-brasileiras. Tempo, memória e ancestralidade pertencem ao passado, presente e futuro do legado africano. As experiências da memória são uma das formas de interconexão entre o que foi vivido e o que se pretende viver. É nesse sentido que este artigo pretende refletir: de que maneira os conceitos afro-diaspóricos pode mostrar possibilidades para o povo na diáspora brasileira, pode apresentar nova perspectiva das narrativas africanas sobre estar, pertencer e sentir as vidas habitantes e quais possibilidades de projeções de um futuro com sustentabilidade e prosperidade.

Muitos são os pesquisadores que têm desenvolvido os conceitos afro-diaspórico a fim de apresentar perspectivas outras bem diferentes do ideal desenvolvimentista criados pelos colonizadores europeus. Nobles (2009) afirma que a o período escravocrata, além de roubar e sucatear, a escravização “descarrilou” o povo africano de seu eixo civilizatório.

A metáfora do descarrilhamento é importante porque quando isso ocorre o trem continua em movimento fora dos trilhos; o descarrilhamento cultural do povo africano é difícil de detectar porque a vida e a experiência continuam. A experiência do movimento (ou progresso) humano continua, e as pessoas acham difícil perceber que estão fora de sua trajetória de desenvolvimento. A experiência vivida, ou a experiência dos vivos, não permite perceber que estar no caminho, seguindo sua própria trajetória de desenvolvimento, proporcionaria a eles uma experiência de vida mais significativa. (NOBLES, 2009, p. 284)

Nessa reflexão Nobles indica que o povo africano é o trem, os valores civilizatórios são os trilhos, a colonização foi o acidente, a condução para outros valores civilizatórios é o resultado dessa ação que causou muitos impactos negativos na população africana em todas as áreas e setores das vidas dessas pessoas. Essas consequências ainda têm ressonâncias desastrosas na sociedade contemporânea. Corroborando com esse pensamento, Munanga (2012) nos apresenta uma dessas implicações: “(...) sem território os demais aspectos da cultura não têm suporte para se refazerem” (p. 23), ou seja, os colonizadores quiseram destruir a identidade do

povo africano por meio do aniquilamento e ocupação dos seus territórios, cujos concentram a memória, a identidade e a história da população negra brasileira.

Outro resultado dos arranjos econômicos cunhados pela colonialidade que diminuiu existencialmente os povos que foram colonizados que se perpetua globalmente é da produção de bens e serviços associados ao consumo dos recursos naturais. Essa forma criada de desenvolvimento tem explorado em demasia o meio ambiente, aumentando as desigualdades ambientais e sociais. Por isso, o resgate da afro-diáspora se faz necessária para um refazimento das formas de trabalhar, viver, da garantia dos recursos necessários para a manutenção das vidas de forma mais coletiva e colaborativa. Não pretende-se neste trabalho tratar do racismo ambiental, mas por ora, é importante considerar que se ele continuar sendo fomentado, a sustentabilidade das vidas vai ficando cada vez mais distante. O amparo social, ambiental, jurídico, econômico e cultural só pode dar-se-á se a produção das desigualdades em todos os níveis for aleijada e espaços mais sustentáveis possam ser convertidas em diferentes lugares e para todas as vidas.

## 2 A RELAÇÃO ENTRE SAÚDE ÚNICA E SUSTENTABILIDADE

Os sistemas vivos são fenômenos que se entrecruzam, sendo possível contemplar os complexos temas relacionados à saúde única e sustentabilidade, ressaltando a utilização simbólica, social, cultural e política dos espaços. Para Capra (1991, p. 79) O grande desafio é a “mudança de paradigmas é, agora, realmente uma questão de sobrevivência para a raça humana”.

Considera-se importante nos movimentarmos sobre aspectos ao qual fomos acostumados a pensar de modo disciplinar, tendo apenas um ponto a ser observado, sem olharmos para o ambiente nos cerca. Defende-se a necessidade da construção de uma outra “casa”, como adverte Teixeira Coelho (1994). Essa construção não deverá começar pelo telhado, mas sim, pelo alicerce, uma construção pedagógica que respeite a diversidade e crie as condições para compreendermos o ambiente como espaço de mediações de todas as relações, sendo estas de algum modo conectadas. Pois, os sistemas vivos são fenômenos que se entrecruzam, sendo possível contemplar os complexos temas relacionados à saúde única e sustentabilidade.

Sendo a forma de atualizarmos nosso modo de pensar e fazer ciência diferente do que fazíamos no século passado, nessa perspectiva Capra (1991) nos estimula a ver a realidade de forma ampliada, ou seja, maior do que a compreendemos, na busca de novos níveis de consciência. Pensando na grandeza da vida, podemos compreender o conceito de saúde única, como a possibilidade de enxergarmos que todas as formas de vida são como unidades que se conectam e se complementam por meio do ambiente que compartilhamos reforçando a urgência em reconhecer a relação entre Saúde única e Sustentabilidade.

Evidencia-se a urgência de atuarmos de modo interdisciplinar, construindo novas formas de sociabilidades e subjetividades comprometidas com a sustentabilidade do planeta, com o rompimento das relações de dominação etária, socioeconômico, étnico-racial, de gênero, regional, linguística e religiosa. A implementação de ações que perpassam as diversas fronteiras e torne -se uma compreensão real e crítica da situação atual do planeta numa visão holística contextualizada.

Ao observar a natureza como espaço onde tudo se conecta, podemos ilustrar com um exemplo simples, a água do rio, em sua extensão, quando se torna poluído, as consequências são sentidas pelos humanos, plantas, animais e todo ecossistema é afetado, de maneira diferenciada, pois essa cadeia da vida, se desenvolve e interage de modo diferenciado, fazendo com que as relações aconteçam de modo processual e dinâmico. Isso faz com que se propague de forma mais profunda e alcance diferentes dimensões. A saúde única é um dos caminhos para compreendermos como somos afetados com as doenças e outros problemas sociais por tratarmos de modo isolado a realidade circundante.

O conceito de Saúde Única, emerge de uma perspectiva interdisciplinar, vinculando saúde e ecossistemas envolvendo uma rede de sistemas vivos. Atrelado ao pensamento de Rincón (2017) sobre comunicação e cultura, em que o tempo e espaço não são como costumavam ser, ou seja, o espaço torna-se cada vez mais explorado, na perspectiva capitalista com o intuito da obtenção de lucros financeiros, sem refletir sobre as graves mudanças ocasionadas nos espaços ambientais e comportamentais. Nessa perspectiva Giddens (1991) traz os efeitos da globalização, principalmente para as comunidades menores, que buscam em seu modo de vida a produção como meio de subsistência.

Para Maturana (2002); Varela (2005) e Menín (2018) é necessário refletir sobre a interdependência entre as áreas, ao voltar o olhar para essa perspectiva é possível perceber que vários conceitos se estruturam a partir da concepção, tais como: cibernética, autopoiese, a teoria geral do sistema e o pensamento complexo, demonstrando que todos os elementos vivos estão em constante interação, o que os torna interdependentes e conectados.

Utiliza-se dentre os conceitos a autopoiese desenvolvida por Maturana (2002); Varela (2005), que nos possibilita uma nova compreensão do desenvolvimento natural e humano, ou seja, os seres vivos se formam por meio de uma unidade ecológica. O meio é o espaço que os seres vivos realizam suas ações e onde acontece a autopoiese. Nessa perspectiva é importante observarmos o que temos feito com o ambiente em que fazemos parte. Citamos a água do rio como esse meio que interliga humanos, animais e territórios. Enquanto não entrecruzamos essa relação de maneira multidisciplinar, as partes não conversam, e conseqüentemente continuamos operando ações contraditórias. Dentre elas a poluição do rio, que tem causado a morte dos peixes, plantas e outros animais, além de ocasionar doenças na população, ações que de modo implícito ou explícito compõem a nossa realidade.

Dessa maneira são pertinentes os estudos relacionados à saúde única pois, demonstram que as mudanças ambientais, tem ocasionado uma aproximação entre humanos e animais de maneira descontrolada, não se observa um limite necessário entre seres vivos distintos, isso faz com que haja uma maior incidência de doenças transmissíveis, doenças zoonóticas são comumente disseminadas na interface humano-animal-ambiente, onde, muitas vezes, as pessoas e os animais compartilham o mesmo espaço.

Capra (1997, p. 14) reforça que “Defrontamo-nos com toda uma série de problemas globais que estão danificando a biosfera e a vida humana de uma maneira alarmante, e que pode logo se tornar irreversível”. Desta forma é necessário atrelar o pensamento sistêmico com redes conectadas de modo multidisciplinar aperfeiçoando soluções que envolvam a educação, a comunicação, a saúde, o campo biológico, social e ambiental, de modo local e global. Na perspectiva de que a cultura é tudo aquilo que resulta da criação humana, Turner (1974) reforça que a cultura corresponde a um conjunto de hábitos, crenças e conhecimentos de um povo ou um determinado grupo artístico que cultiva, de algum modo, um padrão estético semelhante,

sendo fenômenos coletivos, diante das mudanças no cenário local, teremos uma dimensão real da situação que permeia a modernidade, suas interferências e transformações na representatividade das tradições.

Ao pensarmos no processo de autopoiese desenvolvido por Maturana (2005) podemos afirmar que, se há uma transformação na estrutura do ambiente, ele precisa ser analisado por diferentes ângulos. Com a consolidação do sistema capitalista que atua nas premissas de acumulação do capital, ocasionando o consumo para além do necessário, amplia-se a problemática ambiental que vem se agravando, e ganha ênfase, a partir da década de 1980 com o surgimento do processo de globalização, com o objetivo de homogeneizar as civilizações do mundo, colocando como base os moldes da população norte-americana. Podem ser destacados elementos marcantes de transformação profunda na vida dos homens entre si e com o meio ambiente e, conseqüentemente, das condições objetivas e subjetivas da saúde humana e da sustentabilidade ambiental.

A década de 1990 redimensionou a percepção e prática das questões ambientais, especialmente devido à publicação da Agenda 21, importante instrumento de discussão em torno da temática ambiental, com vistas a um novo modelo de desenvolvimento para o séc. XXI, estando este pautado em uma sociedade sustentável.

A consciência sobre os problemas ambientais tem ocorrido de forma mais intensa nos últimos anos. As pessoas têm se preocupado mais com os impactos gerados pelo mau uso dos recursos naturais, principalmente nas últimas décadas do século XX. A degradação ambiental, tem sido algo tão intenso tornando-se um problema planetário atingindo a todos, e decorre do tipo de desenvolvimento praticado pelos países, porém o que se observa é uma resistência em analisar esse problema de modo generalizado, e acaba ficando confinado nos limites territoriais dos estados nacionais. Muitos líderes governamentais se negam a assumir que muitos dos problemas ambientais são decorrentes dos processos de crescimento e desenvolvimento desequilibrados. Despertando interesses diferenciados entre diversos agentes, indivíduos, governos, organizações internacionais, entidades da sociedade civil.

Essa modificação no ambiente é notável, com o aumento do aquecimento global que afeta as diferentes populações ocasionado, conforme Cavalcante KKS, et al, (2020, p. 02), “desde o século XIX, observa-se a semelhança nos processos de doenças entre animais e humanos, porém as medicinas humana e animal foram praticadas separadamente até o século XX”. Ou seja, não havia um entendimento sobre a complexidade do sistema. Essa rede de conexões precisa emergir em diferentes linguagens, pois, com a expansão populacional, temos vivenciado as mudanças climáticas, grandes porções de terras voltadas para plantações e criação de gado, além dos desmatamentos e poluição. Fatores que afetam o meio ambiente, os animais e o homem.

Tiriba (2010, p.2) afirma que “diante de uma cultura que silencia a unidade e valoriza a dicotomia, afirmamos, desde a primeira infância, a importância da Educação Ambiental enquanto processo que religa ser humano e natureza, razão e emoção, corpo e mente, conhecimento e vida”. Reforça que educação para sociedades sustentáveis, tem como referência fundamental o ato de cuidar, à medida que orienta o trabalho relacionado às três ecologias definidas por Guattari, permitindo avaliarmos a qualidade das atividades relacionadas ao ser (ecologia pessoal), a qualidade das interações coletivas (ecologia social), e a qualidade das relações com a natureza (ecologia ambiental).

É nesse contexto podemos refletir sobre o pensamento complexo, ressaltando que devemos considerar o sistema não só como unidade global, pois seria o reducionismo para uma macrounidade, sendo necessário compreender que o todo retroage sobre as partes que por sua vez retroage sobre o todo, nesse princípio Morin (2013, p. 260) afirma que,

O todo é efetivamente uma macrounidade, mas as partes não estão fundidas ou confundidas nele; têm dupla identidade, identidade própria que permanece (portanto, não é redutível ao todo) identidade comum, a da cidadania sistêmica. Mas ainda: os sistemas atômicos, biológicos, sociais indicam-nos que um sistema não é só uma constituição de unidades a partir da diversidade [...].

Uma verdadeira causa de vida, mais que um ser no mundo, o ser humano se tornou presença no mundo, com o mundo e com os outros. Para Freire (1987) Presença que reconhecendo a outra presença como um “não-eu” se reconhece como “si própria”. Presença que se pensa a si mesma, que se sabe presença, que intervém, que transforma, que fala do que faz, mas também do que sonha. É a partir desta vivência de valores, em com unidade, que criaremos as possibilidades para uma vida adulta onde a solidariedade, a cooperação e responsabilidade não precisem ser o tempo todo lembradas.

A crise ambiental é uma das questões fundamentais enfrentadas pela humanidade e exige a necessidade de uma mudança de mentalidade, em busca de novos valores e uma ética em que a natureza não seja vista apenas como fonte de lucro. Na medida em que as sociedades humanas se territorializaram, construindo seus ambientes a partir de interações com espaços concretos de um planeta que possui grande diversidade de formas geológicas e biológicas, mergiram incontáveis exemplos de práticas materiais e percepções culturais referidas ao mundo natural. A produção de um entendimento sobre esse mundo tornou-se um componente básico da própria existência social (PÁDUA, 2010).

O termo sustentabilidade está diretamente relacionado ao conceito de saúde única, pois o desenvolvimento sustentável implica a elaboração de ações que promovam a sustentação da sociedade, no âmbito econômico, ambiental e social. Desse modo, para além de ações de cunho puramente ambiental, a sustentabilidade está ancorada na concretização de objetivos que contribuem para a economia e para o bem-estar da sociedade.

Para Capra (2006) reconectar-se com a teia da vida significa construir, nutrir e educar comunidades sustentáveis, nas quais podemos satisfazer nossas aspirações e nossas necessidades sem diminuir as chances das gerações futuras. Para realizar essa tarefa, podemos aprender valiosas lições extraídas do estudo de ecossistemas, que são comunidades sustentáveis de plantas, de animais e de microrganismos. A sustentabilidade, para a construção sobre a crise ambiental, pensada no contexto global, nacional e local, no intuito de evidenciar algumas questões relacionando as ações do cotidiano.

Os ecossistemas nos ensinam a viver de maneira sustentável, Capra (2006) em sua obra Alfabetização Ecológica, nos leva a refletir sobre como podemos nos tornar, ecologicamente alfabetizado, ou "ecoalfabetizado", significa entender os princípios de organização das comunidades ecológicas (ecossistemas) e usar esses princípios para criar comunidades humanas sustentáveis. Precisamos revitalizar nossas comunidades — inclusive nossas comunidades educativas, comerciais e políticas.

Sendo que o sucesso da comunidade depende do sucesso de cada um de seus membros, enquanto o sucesso de cada membro depende do sucesso da comunidade como um

todo. Entender a interdependência ecológica significa entender relações, buscando um acordo entre economia e ecologia, refletindo sobre o fato de que a natureza é cíclica, enquanto nossos sistemas industriais são lineares, ou seja, os padrões sustentáveis de produção e de consumo precisam ser cíclicos, imitando os processos cíclicos da natureza, para vivermos em um ambiente mais saudável, como menos consumo, portanto precisamos atuar na difusão dessas práticas de sustentabilidade, em continuidade às discussões sobre a conscientização e o ativismo de todos os setores da sociedade como ação necessária sejam elas de caráter individual e coletivo.

É preciso encontrar o caminho de um pensamento multidimensional que, é lógico, integre e desenvolva formalização e quantificação, mas não se restrinja a isso. A realidade antropossocial é multidimensional; ela contém, sempre, uma dimensão biológica. O econômico, o psicológico e o demográfico que correspondem às categorias disciplinares especializadas são as diferentes faces de uma mesma realidade; são aspectos que, evidentemente, é preciso distinguir e tratar como tais, mas não se deve isolá-los e torná-los não comunicantes. Esse é o apelo para o pensamento multidimensional (MORIN, 2013, p. 189).

Ainda são poucos os estudos realizados de modo interdisciplinar relacionando os dados sobre causas e efeitos gerados de modo interligado na saúde humana, animal e ambiental. Nessa perspectiva, Carneiro e Brewer (2021, p.222) afirmam que é imprescindível utilizar como fonte de pesquisa o conceito “One Health, que busca uma abordagem interdisciplinar representada por um complexo sistema biológico e social, que envolve múltiplos atores e processos e suas interações ao longo do tempo a nível local, nacional e global”. Ou seja, quando somamos os fatos temos uma visão ampla sobre o contexto, por exemplo, ao tratarmos dos efeitos da poluição do rio, para os peixes, os humanos e o ambiente conseguimos observar que a ação ela é circular afetando e transformando o organismo todo.

Reforça-se que os estudos interdisciplinares se apresentam como o caminho mais viável para compreender que ao afetar parte de um sistema os outros organismos sofrem as consequências.

### **3 O QUE DIZEM OS CONCEITOS AFRO-DIASPÓRICOS SOBRE A SUSTENTABILIDADE**

Se por um lado a globalização tem permitido o crescimento do hibridismo e do cosmopolitismo, como também de fomentar ações de grupos que foram separados por causa da colonização e da exploração de mão-de-obra humanas; por outro, por não ser um processo homogêneo, a globalização não abarca todos os territórios da mesma maneira e nem na amplitude das áreas culturais, econômicas e sociais. Os índices de pobreza, do desemprego e do aumento da concentração de renda são exemplos do aumento dos problemas que contribuem para a ampliação das desigualdades socioeconômicas nos países que foram colonizados. Outra consequência da criação desses laços tem proporcionado problematizações sobre ser, estar, pertencimento, representatividade e territorialidade.

Nessa perspectiva, observa-se o processo contínuo, perene e amplo de tornar-se sujeito afro-diaspórico desde a sociedade escravocrata até o presente e, por estar tendo corpo, voz e lugar de fala, ele terá continuidade. A sociedade contemporânea tem vivenciado as possibilidades de conhecer e aprender sobre outras histórias da África, bem como de reconhecer as tecnologias criadas e usadas pelos povos africanos para viver em harmonia consigo mesmo e com o meio ambiente. Uma das práticas ancestrais que se apresenta neste trabalho é da

Agroecologia, que vem a somar com os conceitos afro-diaspóricos e o desenvolvimento sustentável. Assim como a definição de saúde única engloba a integração e unificação do equilíbrio das vidas das pessoas, dos animais e dos ecossistemas, a agroecologia também, porque tem como princípio o trabalho coletivo, sistêmico e sustentável.

Importante lembrar que assim como a diáspora, o significado de agroecologia não pode ser fixado, pois move-se por uma cadeia de diversidades, diferenças, sistêmico e libertário. Nessa perspectiva, Hall (2013) é quem nos ajuda a compreender que as diásporas ao englobar vários sentidos e complexidades sistêmicas, envolvem também as nações, as comunidades e as entidades políticas dos povos. É a cultura que possibilita a formação e compreensão das diferentes identidades sociais, bem como das práticas que acontecerão entre o homem, o meio ambiente e outros seres vivos. As práticas sociais, portanto, estão interligadas com as dimensões culturais, tais como as áreas econômicas e políticas.

Tal concepção afro-diáspórica ainda sofre apagamento por causa da colonialidade do saber – conhecimento pensado e formado somente por pessoas brancas que reafirma a não visibilidade dos saberes dos povos negros e indígenas; da colonialidade do poder – espaços de decisão ocupadas somente por pessoas brancas, enquanto negras e indígenas foram alocadas para os lugares de fazer o que a branquitude decidia; da colonialidade do ser – representação somente de pessoas brancas nos diferentes espaços sociais. A reprodução da colonização tem relevância no entendimento de como as identidades são construídas, como se inserem nas realidades, nos territórios e nas marcas da dinamicidade com as culturas (SODRÉ, 1988).

A negação das humanidades das pessoas africanas, ocasionada pela diáspora compulsória, causou inviabilização, ocultação e apagamento dos saberes dos povos negros. Diante desse fato e de tantos outros, que tem se valorizado a ampliação dos conceitos afro-diaspóricos, a fim de evidenciar que esse conhecimento não está deslocado da vida e não é universal. O rompimento com a narrativa única dos saberes eurocentrados e colonizantes permite a expansão dos princípios das materialidades, corporeidades, experiências, afetos e simbologias africanas. Nesse sentido, os conceitos afro-diaspóricos, a exemplo, da agroecologia, que permite o desenvolvimento com fins mais sustentáveis, tem nas perspectiva democrática, inclusiva, decolonial e ancestral possibilidades de perpetuar, ainda que tensões estejam imbricadas nesses processos de pensar, fazer e ser mais afro-brasileiro e mais afro-centrado no desenvolvimento socioeconômico.

A desobediência epistêmica sugerida por Mignolo (2018) é uma opção decolonial para se trilhar caminhos para reflexões pós-colonial e descolonial.

Pretendo substituir a geo e a política de Estado de conhecimento de seu fundamento na história imperial do Ocidente dos últimos cinco séculos, pela geo-política e a política de Estado de pessoas, línguas, religiões, conceitos políticos e econômicos, subjetividades etc., que foram racializadas (ou seja, sua óbvia humanidade foi negada). Dessa maneira, por “Ocidente” eu não quero me referir à geografia por si só, mas à geopolítica do conhecimento (MIGNOLO, 2018, p. 290).

Para Mignolo é urgente o desvínculo com o pensamento moderno ocidental, bem como problematizar as lógicas hierárquicas e binárias dos discursos e das práticas colonizantes. Ser e estar não resume o pensamento descolonial, mas sim o reconhecimento das diferenças, das diversidades e das pluralidades das organizações sociais, das categorias humanas e das relações de poder que atravessam os conjuntos que agregam as pessoas na sociedade. A não limitação

hegemônica das regras e dos construtos sociais são as indicações do pensador para o entendimento sobre identidade em política e sobre a desobediência epistêmica.

Os estudos afro-diaspóricos têm mostrado que as narrativas contribuem para o desenvolvimento sustentável de várias maneiras. Ainda que no âmbito formativo das relações étnico-raciais se encontrem as consequências da modernidade, é possível transpor, descolonizar e afro-centralizar os caminhos em prol da sustentabilidade. Nessa perspectiva, reafirma-se as narrativas afro-diaspóricas a partir do que foi citado anteriormente como umas das ferramentas para outras perspectivas, modos de ser, fazer e acontecer.

A Agroecologia é uma ciência que estuda processos ecológicos de forma holística, considerando os saberes tradicionais, as características do meio ambiente e o conhecimento científico. É uma disciplina científica que congrega as dimensões sociais, culturais, éticas e ambientais no uso dos recursos naturais para a produção agrícola sustentável e com conservação da biodiversidade agrícola.

A Agroecologia é entendida como um enfoque científico destinado a apoiar a transição dos atuais modelos de desenvolvimento rural e de agricultura convencionais para estilos de desenvolvimento rural e de agriculturas sustentáveis (CAPORAL e COSTABEBER 2000a; 2000b; 2001, 2002).

Minimizar os fatores restritivos de produção por meio da busca da raiz dos problemas de uma maneira integrada, com opções holísticas e a longo prazo é uma das propostas da agroecologia. As soluções apresentadas são as que têm como base as práticas ecológicas e sustentáveis.

A Agroecologia se consolida como enfoque científico na medida em que este campo de conhecimento se nutre de outras disciplinas científicas, assim como de saberes, conhecimentos e experiências dos próprios agricultores, o que permite o estabelecimento de marcos conceituais, metodológicos e estratégicos com maior capacidade para orientar não apenas o desenho e manejo de agroecossistemas sustentáveis, mas também processos de desenvolvimento rural sustentável. (CAPORAL E COSTABEBER, 2004, P. 13)

Nesse sentido compreende-se que a Agroecologia busca nos conhecimentos empíricos, populares, científicos e tecnológicos a promoção de transformações, produções e consumos mais sustentáveis e ecológicos. No que tange a área da saúde, a agroecologia pode promover melhoria da qualidade de vida das pessoas através da promoção da sustentabilidade ambiental, da garantia da segurança alimentar e nutricional, do incentivo da participação de todos os agentes sociais, do resgate dos saberes tradicionais e da abordagem interdisciplinar. Uma das convergências da Agroecologia e da Saúde Única é a possibilitar benefícios para a saúde do agricultor e do consumidor, ou seja, todas as pessoas ganham com as práticas agroecológicas e podem ter mais segurança alimentar e nutricional.

Enxerga-se, portanto, nessa ciência e modo de produzir alimento, mais um meio de transver as necessidades e demandas dos seres vivos. Pensar em todos os agenciamentos gerados pela colonialidade se faz necessário, haja vista que a comunicação das idéias colonizadoras se dá pelos significados, enunciados e sentidos das coisas e dos objetos. É por meio deles que o racismo continua sendo reproduzido, fomentado e às vezes reinventado. “Uma das coisas mais difíceis, tanto para uma pessoa quanto para um país, é manter sempre presentes diante dos olhos os três elementos do tempo: passado, presente e futuro” (FANON, 2020, p. 264).

A dimensão afro-diaspórica da busca pela sustentabilidade em todas as áreas sociais mostra para um deslocamento, um extravasamento de sentidos e significados dos seres, dos saberes e dos acontecimentos em descolonização nas práticas econômicas e culturais. Os conceitos aqui apresentados na perspectiva africana mostram a amplitude, a projeção de fronteiras epistêmicas.

## 4 CONSIDERAÇÕES

Diante do que foi exposto neste trabalho, destaca-se e repete-se que a saúde única e os conceitos afro-diaspóricos não são inovadores. Eles foram invisibilizados pelos que se autointitulam como donos dos saberes, das produções de conhecimento e das práticas desenvolvimentistas. Se não são novidades, há muitas possibilidades como as que foram apresentadas neste texto para olhar, entender, refletir, escolher e fazer a partir de uma perspectiva sistêmica, inclusiva e sustentável. Olhar para o passado é criar mais possibilidade para se agir no presente e planejar o futuro com despertar de consciência e responsabilidade socioambiental.

É possível como mostrado pela saúde única, pelo significado afro-diaspórico e com uso de uma agroecologia ressignificar todos os tempos em que vidas estiverem no mundo. As mazelas sociais existem, mas podem ser combatidas com olhares múltiplos, transdisciplinares e com reconhecimento que a saúde dos humanos, dos animais domésticos e selvagens, das plantas e do meio ambiente estão interligados e precisam serem considerados nos momentos de pensar políticas públicas e no desenvolvimento sustentável.

Nós seres humanos temos a possibilidade de construir coisas novas, diferentes e diversas. Mas muitas vezes as respostas para os problemas sociais já existem, porém ainda não foram alcançadas de forma sistêmica, a partir do que versam os conceitos de saúde única e os afro-diaspóricos. Na sociedade contemporânea faz-se necessário não só a interação presencial e digital, mas também, a organização social a partir das diversidades, pluralidades e singularidades das culturas.

## 5 REFERÊNCIAS

Brasil Ministério da Saúde. **Saúde Única**. Site do ministério da saúde.gov, 2023.  
Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/s/saude-unica>  
Acesso em: 10 ago. 2023.

CAPORAL, Francisco Roberto, COSTABEBER, José Antônio. **Agroecologia: alguns conceitos e princípios**. 24 p. Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA, 2004

CAPRA Fritjof. **Alfabetização ecológica: a educação das crianças para um mundo sustentável**. São Paulo: Cultrix; 2006.

CARNEIRO Liliane Almeida; BREWER Christina Pettan, **One Health: Conceito, História e Questões Relacionadas: Revisão e Reflexão**. Pesquisa em Saúde & Ambiente na Amazônia: perspectivas para sustentabilidade humana e ambiental na região, 2021.

COSTABEBER, José A.; CAPORAL, Francisco R. **Possibilidades e alternativas do desenvolvimento rural sustentável**". In: VELA, H. (Org.). Agricultura Familiar e Desenvolvimento Rural Sustentável no Mercosul. Santa Maria: Editora da UFSM/Pallotti, 2003. p.157-194.

GIDDENS, Antony. **As consequências da modernidade**. Tradução de Raul Fiker. 5ª reimpressão. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

FANON, Franz. **Pele Negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 17a. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

HALL, Stuart. **Da diáspora. Identidades e mediações culturais**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

MATURANA, Humberto; VARELA J. Francisco. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana**. ed. 5° São Paulo: Palas Athena, 2005.

MBEMBE, Achille. **A crítica da razão negra**. 1 ed. Lisboa: Portugal. Antígona Editores Refratários, 2014.

MENIN, Álvaro. **Saúde Única: uma reflexão**. Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. 2018.

MIGNOLO, Walter D. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF**: Dossiê: Literatura, língua e identidade. n.34, p.287-324, 2008. Disponível em [www.uff.br/cadernosdeletrasuff/34/traducao.pdf](http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/34/traducao.pdf). Acesso em: ago. 2018.

MIGNOLO, Walter D. **Colonialidade. O lado mais escuro da modernidade**. Revista Brasileira de Ciências Sociais. [online] vol. 32. n.94. jun/2017. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S0102-69092017000200507&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0102-69092017000200507&lng=en&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em jan. 2018.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Ed.15° Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

MUNANGA, K. **Negritude: usos e sentidos**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012

NOBLES, W. Sakhu Sheti: retomando e reapropriando um foco psicológico afrocentrado. In: NASCIMENTO, E. L. (Org.). **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2009. p. 277-297.

PÁDUA, José Augusto. **As bases teóricas da história ambiental**. Revista estudos avançados. USP São Paulo, 2010.

RINCÓN, Omar. **Mutações bastardas da comunicação**. Matizes, V.12 - No 1 jan./abr. 2018 São Paulo - Brasil p. 65-78.

SODRÉ, Muniz. **A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1988.

TIRIBA, Léa. **CRIANÇAS DA NATUREZA**. Anais do I Seminário nacional: currículo em movimento – Perspectivas Atuais Belo Horizonte, novembro de 2010.

TEIXEIRA, Coelho. **O imaginário e a pedagogia do telhado**. Em Aberto, Brasília, ano 14, n.61, jan./mar., 1994.

TURNER, Victor W. **O processo ritual, estrutura e anti estrutura**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1974.